



Apresentação

O presente número da Revista Papéis traz valorosas contribuições à reflexão da utopia. Alinhados a problemáticas próprias dos estudos literários, os textos aqui reunidos se valem de diferentes perspectivas na abordagem de objetos de análise que, de uma forma ou de outra, permitem vislumbrar o horizonte utópico e seus contornos. A discussão empreendida no conjunto dos textos é sinal da amplitude histórica da utopia: como demonstra este volume, é uma noção que percorre os séculos.

Abre a revista o artigo “Utopia e ação: o enigma da ponte”, escrito por Joaquim Machado de Araújo (Universidade Católica Portuguesa) e Alberto Filipe Araújo (Universidade do Minho). Na tradição dos estudos utópicos, o texto toma como ponto de partida a matriz cunhada por Thomas More e discute o posicionamento geográfico das cidades pretensamente perfeitas imaginadas pelo homem.

O texto seguinte, “Entre a literatura e a taberna: a subversiva utopia imanente dos goliardos”, é de autoria de Sebastião Lindoberg da Silva Campos (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Procura uma visão da utopia que escape ao senso comum, capaz de abarcar a subversão intrínseca à literatura medieval goliarda.

“Ação e Liberdade Políticas na Utopia Inglesa seiscentista”, texto de Helvio Moraes (Universidade do Estado de Mato Grosso), aborda de forma ampla o

caráter utópico da literatura inglesa do século XVII. Enfatiza o que a distingue das abordagens precedentes da utopia.

No artigo “O sentido de utopia em Luiz Ruffato”, Rosana Corrêa Lobo (PUC-Rio) investiga como se dá o sentido utópico na obra do autor, esta que representa circunstâncias marcadas por intensa negatividade. Lobo discute a saída utópica que a própria manifestação literária apresenta para um contexto de violenta exclusão social.

Vítor Vieira Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro) faz uso de uma perspectiva histórica para discutir, no artigo “Utopia e distopias no século XXI e pós-modernismo”, a contemporânea proliferação de distopias. A atualidade do pensamento utópico é, assim, avaliada em sua possibilidade de permanência.

Carolina Dantas de Figueiredo (Universidade Federal de Pernambuco) analisa as relações entre a memória e o poder nas distopias tradicionais, em seu artigo “Memória e poder nos regimes distópicos”.

Mary Elizabeth Ginway (Universidade da Flórida) aborda, em “Metáforas biológicas e cibernéticas de resistência na ficção científica tupinipunk”, duas narrativas contemporâneas: “Questão de sobrevivência”, de Carlos Orsi, e “Vale-tudo”, de Roberto de Sousa Causo. Embora o artigo não aborde diretamente a utopia, sua discussão da resistência cultural representada nas narrativas se abre para um horizonte utópico.

Em “O nome e o ser: *Piscina Livre*, de André Carneiro”, abordamos um aspecto em particular da obra em pauta: a diária mudança de nomes a que são submetidos os personagens, em um mundo futuro voltado à perpetuação do prazer sexual. As implicações desse elemento para o contato com a alteridade são discutidas em relação à persistência da utopia.

Durante a organização deste volume, chegou-nos a triste notícia do falecimento do escritor André Carneiro, em novembro de 2014. Aos 92 anos, o autor deixou uma obra rica que ainda não recebeu o devido reconhecimento por parte da crítica. Sua produção literária lidou com a indissociabilidade entre o homem e a utopia, e não raro abordou explicitamente essa temática. Uma arte

verdadeiramente libertária, livre ela própria de quaisquer amarras impostas por preconceitos, tabus ou parâmetros de mercado.

Como não poderia deixar de ser, portanto, este número da Papéis é respeitosamente dedicado a André Carneiro, e deve ser encarado como uma homenagem ao monumento deixado por ele.

Ramiro Giroldo

UFMS/FUNDECT/NEHMS